

# Como o Demo as Arma

**Aluísio Azevedo**

Teresinha era a flor das pequenas lá da fábrica. Todos lhe queriam bem. Ninguém como ela para saber guardar as conveniências e saber cumprir com os seus deveres sem fazer caretas de sacrifício.

Vivia de cara alegre; tocava o seu bocado de piano; sabia arranjar desenhos para os seus bordados; tinha repentes de muita graça; e nunca nenhuma das companheiras lhe apanhara a ponta de um desses escândalos, que são a riqueza das palestras nos lugares em que há muitas raparigas juntas.

Além disso, era de uma economia limpa e natural; nas suas mãozinhas cor-de-rosa e picadas de agulha o escasso ordenado de costureira parecia transformar-se em moeda forte. Vestido seu nunca ficava fatalmente velho: era já mudar-lhe o feitio; era já trocar-lhe os enfeites, e aí estava Teresinha metendo as outras no chinelo.

– Uma joia! resumia o gerente da fábrica.

E jurava que, se não fora velho e casado, havia de fazer-lhe a felicidade.

Mas Teresinha, pelo jeito, não queria casar. Por mais de uma vez apareceram-lhe partidos bem aceitáveis, e ela torcera o narizinho a todos, dizendo que ainda era muito cedo para pensar nisso. Um seu vizinho, o Lucas com armarinho de modas e rapaz estimado no comércio, chegou a oferecer-lhe um dote de dez contos de réis; outro, o Cruz também com armarinho e não menos estimado que o primeiro, jurou-lhe numa carta, que faria saltar os miolos, se ela não o tomasse por marido. Teresinha, não quis nenhum dos dois e continuou, muito escorreita no seu vestidinho justo ao corpo, uma flor ao peito, a bolsa de couro na mão, a passar-lhes todos os dias pela porta, no sonoro tique-taque dos seus passos miúdos, indo pela

manhã para a fábrica e voltando à tarde para casa, sempre ligeira e saltitante como um pássaro arisco.

Mas, quando lhe morreu a tia com que ela habitava, e a pequena ficou só no mundo, disseram logo:

- Agora é que veremos se ela quebra ou não quebra o capricho!
- Talvez se agregue por aí a qualquer família conhecida... conjecturaram.
- Não! não será tão tola que se sujeite a isso, podendo dispor de um marido logo que o queira!...
- De um ou de mais!
- Ora! não falta quem a deseje!

Teresinha, todavia, não se casou nem foi abrigar-se à sombra de ninguém; ficou morando na mesma casa em que lhe morrera a tia conservando uma criada velha que as acompanhava havia muitos anos. Na fábrica a mesma pontualidade, a mesma linha de conduta, a mesma limpeza e diligência no serviço, na rua – aquele mesmo passinho curto e apressado, que mal deixava aos seus vários pretendentes lobrigar a ponta das suas honestas botinas pretas de salto baixo.

Não obstante, meses depois, principiaram de aparecer-lhe transformações. Notavam todos, lá na fábrica, que a Teresinha já não era aquela rapariga alegre e caprichosa dos primeiros tempos; agora tinha esquisitices de gênio e caía em fundas abstrações, quedando-se horas perdidas a olhar para o espaço, de boca aberta, o trabalho esquecido sobre os joelhos.

- Que terá ela?... cochichavam as companheiras.

E observavam, com pontinhas de riso brejeiro, que a exemplar Teresinha, – a diligência em pessoa – já não era a primeira a pegar na costura e a última a deixar o serviço.

A partir daí, puseram-se a espreitá-la e a segui-la na rua.

Descobriram logo que Teresinha ao sair do trabalho, em vez de ir para casa, metia-se na Biblioteca Nacional ou nos gabinetes de leitura ou então nas lojas dos livreiros.

E viam-na passar um tempo esquecido a escolher brochuras, a consultar revistas e alfarrábios, fariscando nelas com o nariz enterrado entre as páginas, alguma cousa, que ninguém atinava com o que fosse.

– Querem ver que ela deu para filósofa?. comentaram as outras raparigas.

Uma das mais velhacas da roda afiançou que não seria a primeira Teresa que desse para isso.

E o grande fato é que todo o dinheirinho das economias de Teresinha era lambido pelos vendedores de livros. Já lhe notavam até certa negligência no traje e no penteado.

Uma vez apresentou-se na oficina de sapatos rotos.

– Ó Teresinha! objurgou-lhe uma amiga, tu estás ficando desmazelada!

Por outro lado, o gerente principiava a resmungar: Pois ele queria lá doutoras no estabelecimento!... A senhora dona Teresinha parecia já não ligar a mínima importância ao serviço! O tempo era-lhe pouco para os romances que ela trazia escondidos no bolso! Não! assim, que tivesse paciência! mas não havia remédio senão mandá-la passear! Ia-se ali para desunhar na costura e não para contar-se tábuas do teto. E, por isso, que diabo! pagava-se a todas pontualmente em bom dinheiro! Não se tinha ali ninguém de graça!

Uma ocasião apresentou-se mais tarde, muito pálida, com grandes olheiras. Percebia-se facilmente que passara a noite em claro.

Trazia entre os dedos um volume de Teofile Gautier, marcado em certa página.

Nesse dia trabalhou bastante, com febre. Mal, porém, terminou a obrigação, correu à casa e fechou-se na sala, defronte do candeeiro de querosene.

Abriu o livro no lugar marcado – *Une larme du diable!*

Releu inda uma vez a singularíssima novela. Aquela extravagante fantasia do rei dos boêmios, a alma doente e sonhadora do eleito da decadência romântica, a imaginação desvairada daquele fumador de ópio, embriagaram-na com uma delícia de vinho traiçoeiro.

Uma lágrima do diabo!

Que haveria verdade nessa lágrima e o que vinha a ser ao certo, esse diabo, de que lhe falavam os poetas, os padres, os professores, as crianças e as velhas?... Já em outros livros encontrara o mesmo que afirmara Gautier: o tal gênio do mal, disfarçado em rapaz bonito, a correr o mundo, para tentar as pobres raparigas. Um alfarrábio religioso de sua tia ensinara-lhe que o maldito andava solto, aí por essas ruas da cidade, janota, barbeado e cheiroso, e que as moças inexperientes precisavam ter todo o cuidado, porque o patife, além de tudo, escondia os cornos e o rabo, e não havia por onde reconhecê-lo.

Definitivamente era muito perigoso para ela arriscar-se sozinha, todos os dias, a cair em semelhante perigo!

E se o encontrasse?...

Santo Deus! só esta ideia a fazia tremer toda.

E começou a chegar-se muito para os velhos, a afeiçoar-se por eles. Com os moços é que não queria graças; temia-os a todos, principalmente os simpáticos e esmerados na roupa.

– Nada! nada de imprudências! Pode muito bem ser que eu caia nas mãos do tal!

Isso, porém, não impediu que a cautelosa Teresinha, um belo dia, ao dobrar uma esquina, desse cara a cara com um belo rapagão

louro, de bigodes retorcidos, nariz arrebitado e monóculo.

Cheirava que era um gosto.

– Estou perdida! balbuciou ela trêmula, estacando defronte do rapaz, sem ânimo de erguer a vista, porque tinha antemão certeza de que o olhar dele havia de cegá-la.

– Desta vez não me escapas! murmurou o moço.

– Não há dúvida! É ele mesmo! gaguejou a medrosa, quase a chorar. Valha-me Nossa Senhora!

E recuou alguns passos.

– Não fujas! disse o sujeito.

Ela obedeceu logo e até chegou-se mais para o diabo, atraída, presa, vencida, como se aquelas duas palavras fossem as pontas de um tenaz que a segurasse pelas carnes.

Ele passou-lhe o braço na cintura.

– Tenho tanta coisa a dizer-te, minha flor! Se quisesse ouvir-me... Oh! eu seria o ente mais feliz do mundo! Olha! a tarde está magnífica, vamos nós dar um passeio juntos?

Teresinha não opôs objeção e deixou-se conduzir.

– Mas Deus! meu Deus! lamentava-se ela pelo caminho segurando-se ao braço do demônio. Estou aqui, estou no inferno!

O demônio levou-a para casa dele e mal entraram, atirou-se-lhe aos pés, cobrindo-a de beijos ardentes.

Ela soluçava.

– Por que choras, meu amor

Seu hálito queimava. Teresinha via saírem-lhe faíscas dos olhos. E,

sempre a tremer, e sem ânimo de recusar nada pedia-lhe compaixão, convencida de que era aquele o último momento da sua vida.

– O diabo não é tão feio como se pinta!... volveu o moço, afagando-a.

– Ah! não! não! bem o vejo!... respondeu ela, receosa de contrariá-lo. Mas, por quem é, não me faça mal!

– Fazer-te mal? Que loucura! Fazer-te mal, eu, que te amo; eu, que há tanto tempo passo horas e horas à espera que saias do serviço para acompanhar-te de longe, sem te perder de vista; o que, sabes? é difícil, porque nunca vi andar tão depressa! Mas esqueçamos tudo! agora és só minha, não é verdade?... Não é verdade que, de hoje em diante me confiarás toda a tua alma e todo o teu coração?...

– Que remédio tenho eu!

– Não imaginas como seremos felizes! Meu ordenado chega perfeitamente para os dois e...

– Quê?... Seu ordenado?...

– Sim, meu amor, eu sou empregado público...

– Empregado? Não é possível!

– Sou, filhinha! Estou a dizer-te! Sou empregado no tesouro; apanhei o lugar por concurso; ganho trezentos mil réis por mês, afora os achegos que aparecem.

– O senhor está gracejando! Diga-me uma cousa, mas não me engane... O senhor não é o diabo?

O rapaz soltou uma risada.

– Pois tu ainda acreditas no diabo? É boa!

– Ora esta!... murmurou Teresinha, se eu desconfiasse!... Agora...

paciência! já não há remédio... Caso-me com o Lucas.

Este e-texto pode ser livremente:

1º Distribuído com ou sem fins comerciais.

2º Modificado, desde que retirado o título, o nome do autor e do editor.

## Texto sob domínio público.

Última revisão: sex 17/out 14 — 00:23:18

Edição eletrônica por Rafael Palma